

Suicídio na população negra brasileira: nota sobre mortes invisibilizadas

Jeane Saskya Campos Tavares¹

Palavras Chave: População negra, suicídio, racismo estrutural, racismo institucional

O suicídio na população negra brasileira é um fenômeno que remete ao processo de escravização de africanos e à persistência do racismo estrutural no Brasil. Oliveira e Oda (2008), analisando notícias publicadas nas duas últimas décadas do século XIX, informam que o suicídio de escravizados recebia tratamento diferenciado dos casos entre homens livres. O primeiro é quase sempre citado “de passagem, em geral acompanhando comentários genéricos sobre formação de quilombos, fugas, homicídios, protesto e rebeldia, de vingança contra o senhor, e raramente recebeu tratamento pormenorizado” p.372. Relatos estrangeiros, no entanto, destacavam que esta era uma prática muito comum, que as mortes voluntárias entre os cativos aconteciam de forma passiva como recusar alimento e deixar-se morrer em apatia extrema ou de forma ativa, como por enforcamento (principalmente homens), afogamento (mais comum entre mulheres), uso de armas brancas e revólveres dentre outros. A morte por suicídio era atribuída, quando citadas as motivações, ao banzo, à crença de reencarnação com retorno à terra natal, ao “desgosto com o cativo”, mas fatores como “maus costumes”, “vícios”, desespero diante de condenações severas e “loucura” eram especialmente enfatizados.

No século XX, escassa literatura se ocupou do suicídio de escravos de forma mais detalhada ou na população negra contemporânea. Na segunda década do século XXI, alguns poucos textos registram considerações sobre o tema, veiculados por agências de notícias, blogs pessoais e sites voltados para o público negro, de modo geral, comentam a possível influência do racismo em casos específicos. Em breve revisão realizada para este evento, nenhum livro ou artigo nacional indexado na Scientific Electronic Library Online – SciELO foi localizado utilizando -se os descritores “suicídio” e população negra” embora inúmeros artigos (n=246) sejam localizados pelo descritor suicídio.

Poucas informações ou análises acerca da população negra são encontradas em artigos científicos do campo da epidemiologia sobre o suicídio na população brasileira. Salienta-se apenas (e raramente) a inserção tardia da variável raça/cor no Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS) em 1996 e a subnotificação, decorrente do estigma social que favorece a omissão de casos na população em geral.

Chama a atenção que, embora os negros correspondam a cerca de 54% da população brasileira, alcançando representatividade numérica no universo estudado, e estejam expostos aos principais fatores predisponentes individuais e coletivos ao suicídio apresentados na literatura, este grupo não recebe qualquer análise específica sobre sua sub-representação nas notificações. A fim de levantar hipóteses acerca deste fenômeno, a seguir são apresentadas estatísticas que nos fazem questionar possíveis causas da baixa representação da população negra, principalmente o grupo formado por pretos, nos estudos sobre suicídio.

1 Psicóloga, mestra em Saúde Comunitária e doutora em Saúde Pública, professora adjunta na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). jeanetavares@hotmail.com

Em revisões, como as apresentadas por Machado e Santos (2015) e Botega (2015), destacam-se enforcamento, lesão por armas de fogo e autointoxicação por pesticidas como formas privilegiadas de suicídio no Brasil, além disso ressalta-se o maior número de casos entre homens, maiores de 59 anos e concentração nas regiões Sul e Centro Oeste do país. Em relação à raça, os autores citados anteriormente e outros tendem a discorrer e levantar hipóteses acerca das mortes entre indígenas e brancos, mas não se detêm na população negra. De modo geral, informam um crescimento importante entre pardos e a manutenção de baixo número de casos entre pretos na última década.

Destacamos que o racismo estrutural e o institucional têm sido apontados por movimentos sociais nacionais, publicações governamentais e organizações internacionais como determinantes da baixa qualidade de vida e inequidade no acesso à saúde que correspondem aos fatores de risco para suicídio apontados na literatura. Desta forma, segundo dados do IBGE (Brasil, 2016; IBGE, 2017) em relação a) à desigualdade social, baixa renda e desemprego - pardos e pretos recebem respectivamente 55,6% e 54,9% do rendimento dos brancos e é a maior parte da população desocupada, sendo pardos 52,7% e pretos 11,0% (negros = 63,%), correspondendo a $\frac{3}{4}$ da população mais pobre; b) baixa escolaridade - tem maior incidência de analfabetismo (11,8%) e representa apenas 37,4% dos universitários; c) abuso de drogas e transtornos mentais (principalmente esquizofrenia e outros em que se destacam desesperança e autodesvalorização) - brancos têm mais acesso a rede de atenção em saúde mental por abuso de álcool (44%) e outras drogas (42%), que pardos com respectivamente 26% e 22%. No entanto, a mortalidade (por 100.000 hab) é alarmante na população negra por abuso de álcool 5,3 entre pretos (que morrem 2 vezes mais que brancos), 3,89 entre pardos, 2,69 entre brancos e 2,08 entre índios. Esta última informação é particularmente relevante, pois os artigos publicados tendem a apontar o alcoolismo como importante variável no suicídio entre índios desconsiderando as diferenças entre seus subgrupos étnicos e as maiores taxas de mortes relacionadas ao abuso de álcool e outras drogas entre negros que na população indígena.

Encontramos uma única referência ao suicídio em publicação governamental sobre saúde da população negra (Brasil, 2016) sem qualquer análise. Destaca-se que a população negra (notadamente a masculina) morre por causas externas e violência, correspondendo a 67,9% dos mortos por agressões e 51,9% por acidente transporte terrestre. Na estratificação por faixa etária, dos 152.013 óbitos por causas externas, 55.291 (36%) ocorreram entre jovens de 15 a 29 anos. Nesta faixa etária, 49.555 (90%) eram de sexo masculino e 32.632 (59%) de cor/raça negra e as causas mais frequentes foram agressões 62% (20.204 óbitos), acidentes de transporte 22% (7.201 óbitos) e suicídio 4% (1.254 óbitos).

Noutra publicação, que se refere às mortes por arma de fogo (AF), segunda forma de suicídio mais comum no país, somos alertados de que existe uma enorme escassez de fontes e poucas alternativas para estudar a questão da cor das vítimas na mortalidade por armas de fogo (Waiselfisz, 2016). Embora este levantamento indique que, entre os óbitos por AF, 70,5% dos casos de homicídio e 37,8% de suicídio ocorreram com negros, nenhuma análise é apresentada sobre estes números.

Considerando as informações apresentadas, questionamos a invisibilidade das mortes por suicídio numa população historicamente submetida a extremo sofrimento físico, psíquico e social. Números tão baixos de casos notificados nesta população deveriam por si suscitar estudos que investigassem essas disparidades. Destacamos como possíveis causas da subnotificação, as repercussões do número elevado de homicídios entre homens jovens

negros e a criminosa mortalidade materna entre as mulheres negras, o não reconhecimento social do luto das famílias negras, o desinteresse acadêmico pela saúde desta população e não reconhecimento dos casos de suicídio e do sofrimento psíquico da população negra pelos profissionais que atestam o óbito e pela população geral, resultantes do racismo estrutural e institucional.

Referências

- Botega, N.J. (2015). *Crise Suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- IBGE. (2017). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Algumas características da força de trabalho por cor ou raça*. Rio de Janeiro.
- Machado, Daiane Borges, & Santos, Darci Neves dos. (2015). Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 64(1), 45-54. <https://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000056>
- Oliveira, Saulo Veiga, & Oda, Ana Maria Galdini Raimundo. (2008). O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(2), 371-388. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000200008>
- Waiselfisz, J.J. (2016). *Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo*. Brasília: FLACSO.